

Discurso de abertura do 18º colóquio da lusofonia Ourense outubro 2012

Da Galícia à Galiza

Estamos aqui na cidade que teve as suas origens no Paleolítico inferior-médio, na Idade do Bronze, e se desenvolveu com os Romanos, com especial proeminência para as águas termais das Burgas e a sua localização na via de Braga a Astorga. Teve algum relevo no tempo dos Suevos quando foi capital e esteve ligada à lenda de conversão daqueles ao cristianismo. Foi anexada pelos Visigodos em 585 e não sofreu - se não de forma esporádica - a invasão muçulmana antes da invasão normanda (1008-1015).

Em 1122 Dona Teresa (Tareixa) de Portucale concede ao bispo Diego III a jurisdição sobre Ourense que em 1188 passa a ter município. Em 1386, o inglês duque de Lencastre na sua marcha rumo a Babe, Bragança, faz-se coroar aqui rei de Castela, firmando um pacto com Juan I mas não passou de Leão. Segue-se um período de invasões, guerras, e destruições até que os bispos que partilhavam o poder com os senhores feudais o começam a perder entre 1586 e 1628. Apesar de continuarem a existir mosteiros e conventos em quantidade, os franciscanos cedem terreno aos dominicanos e jesuítas, que mantêm a urbe na sua forma medieval com apenas três mil habitantes em 1752. Começa a desenvolver-se a partir de meados do século 19 e a expandir-se num crescimento que se mantém até hoje.

Esta comunicação não é académica. Jamais poderia falar academicamente da Galiza, pois nem amores nem sentimentos se podem dissecar num laboratório. A minha ligação à Galiza data de 1030 AD, segundo me ensinou a minha avó paterna que até era brasileira. Fui lá ver o sítio onde tudo começou, aqui perto, e gostei de imaginar-me celanovês num passado longínquo coevo de Dom Nuno de Cellanova, senhor do condado do mesmo nome, sogro da Infanta Dona Sancha Henriques, filha de Henrique de Borgonha, conde de Portucale.

Ao regressar à realidade - já no século 21 - conheci no primeiro colóquio da lusofonia (em 2002) um jovem empresário, Ângelo Cristóvão, que sonhava com uma Galiza lusófona, ele que foi o meu guia da história da Galiza que não aprendemos, dado que Portugal e Galiza são dois povos irmãos que vivem de costas voltadas um para o outro, como se houvesse um imenso mar a separá-los. O desconhecimento mútuo é generalizado e aumenta à medida que a ignorância dos mais jovens se solidifica em pequenos resumos da História que deveríamos estudar em detalhe e minúcia.

Na escola falamos da variante galega da língua como quem fala das guerras entre Esparta e Atenas, num passado demasiado longínquo, nesta portuguesa mania de desvalorizar a história, que fez de todos nós o que somos hoje. O problema começa por ser político e sensível, de difícil resolução e menos vontade política de o abordar. Só os poetas e os sonhadores utópicos, essa elite que pode mover nações e gerar a diferença entre a vida e morte das civilizações, acreditam ainda que o futuro da Galiza passa pela unificação da língua escrita de que o Acordo Ortográfico de 1990 é o instrumento a brandir contra o *status quo* da imutabilidade histórica dos reinos.

Todos sabemos que a história sempre se fez de guerras e de casamentos entre as tribos, hoje faz-se pela globalização económica que desconhece as fronteiras marcadas em tempos imemoriais pelos homens e é aí que a língua comum assume um papel vital de moeda de troca entre os povos. Mesmo aqueles que sempre se insurgiram contra a Lusofonia surgem agora como vocais e aparentes paladinos da mesma, como instrumento de captação de um mercado de mais de 240 milhões de almas.

Se a guerra dos afetos entre povos irmãos parecia exclusiva da coutada dos poetas, eis que agora desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos. Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste nosso longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias. Não queremos um Quinto Império para reviver glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa mesma língua.

Foi isso que nos levou à Galiza no 18º colóquio para que juntos possamos fortalecer o que nos une e que é património imaterial de tantos. Fala-se mais Português em Angola hoje do que no tempo da presença portuguesa apesar da forte competição das línguas nativas. Em Goa existe um recrudescimento do interesse pela língua portuguesa e novos livros têm surgido mais de 50 anos após a extinção da presença lusófona. Em Macau a língua portuguesa é mais falada e estudada hoje do que quando os portugueses lá estavam. Em Timor como segunda língua oficial já há mais de 25% de falantes quando há dez anos nem a 5% chegava o número de falantes.

Lembro a importância da língua portuguesa em contextos hostis como no caso de Timor-Leste onde sob a ocupação neocolonial indonésia, as novas gerações impedidas de falar

Português começaram a usar esta língua como língua de resistência. Também no Reino de Espanha há quem fale Português como língua de resistência ao domínio cultural que faz sujeitar a escrita do galego às normas ortográficas castelhanas tentando obviar à preservação da identidade cultural do velho reino da Galiza. E a língua galega é sob todos os aspetos (históricos, filológicos e paleolinguísticos), português. Português da Galiza, mas Português. No entanto na Extremadura espanhola, onde nunca houve uma língua comum, também o Português é ensinado a milhares de pessoas.

A língua não é só um meio de comunicação nem uma arma económica, ela expressa o sentimento dos povos, permite a preservação das lendas e narrativas, recria as baladas dos bardos, favorece a leitura dos clássicos, aproxima povos e perpetua o ADN nacional.

É nossa vontade e desígnio que na Galiza se proceda à reintegração total da língua na Lusofonia como a História o manda e, por isso, apoiamos desde a primeira hora a criação da AGLP. A dimensão real das diferenças entre o galego e o português são insignificantes e a questão da ortografia é meramente política, sendo um grave erro estratégico não afirmar perentoriamente que “galego e português são a mesma língua”. Tem faltado construir pontes pois os políticos portugueses estão sempre temerosos de ofender a vizinha Espanha e os políticos galegos temem que depois da autonomia cultural venham outras.

Vários idiomas da Tailândia, Malásia, Índia e Indonésia têm palavras portuguesas/galegas. A própria língua japonesa tem várias palavras portuguesas/galegas como: álcool, veludo, jaqueta, bolo, bola, botão, frasco, irmão, jarro, capa, capitão, candeia, castela (bolo de pão-de-ló), copo, vidro, tempero, tabaco, sabão, sábado, choro, tasca, biombo etc.. Há ainda um idioma próprio falado na Malásia, Singapura, Tailândia, Ceilão e Indonésia que se chama Papiá Kristang (língua cristã) ou português de Malaca que é constituído por palavras portuguesas/galegas com formas gramaticais diferentes. Existe também o Patuá de Macau mas em vias de extinção. Os portugueses/galegos falam com estas gentes sem dificuldade.

É fundamental o galego ser atual. Os povos só evoluem bem intelectualmente quando se expressam bem na sua língua materna e não na estrangeira colonizada. Não se consegue expressar bem com um idioma do passado com adulterações neocolonialistas castelhanizadas como o agora inventado "portunhol" para impor a uma Nação milenária. Pelo contrário o galego atual será o encontro dos galegos com as suas origens em que simultaneamente ganham um poderoso meio de comunicação quer a nível cultural como comercial, que ajudará

a crescer a Nação Galega neste mundo globalizado. Escrever galego/português dentro da norma lusófona dá-lhe uma dimensão mundial e é a única forma de salvá-lo da morte. O português/galego não é um idioma de propriedade de Portugal mas dos países que o adotaram como oficial além da Região Autónoma Especial de Macau na China. Além do mais, lembremos que Afonso X, rei castelhano, trovou em galego-português por ser uma língua melódica.

Quero recordar em linhas gerais o que já conseguimos alcançar para vos lembrar que os colóquios da lusofonia criados em 2001 passaram a associação cultural e científica sem fins lucrativos em 1 de janeiro de 2011. Os nossos oradores “típicos” não buscam mais uma conferência para juntar aos seus currículos, antes estão interessados em partilhar as suas ideias, projetos, e criar sinergias nos quatro cantos do mundo, irmanados deste nosso ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – todos juntos – atingirmos aquilo que as burocracias e as hierarquias muitas vezes não podem ou não querem. Acreditámos que somos capazes de fazer a diferença. Os nossos oradores “típicos” juntam-se aos colegas no primeiro dia de trabalhos, partilham as suas refeições, as suas comunicações, os passeios, e despedem-se no último dia como se de amigos se tratasse. É isso que nos torna distintos de qualquer outro colóquio ou simpósio. Pretendemos aproximar povos e culturas no seio da grande nação dos lusofalantes, independentemente da sua nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência, todos unidos pela mesma língua.

Quando em 2001 preparámos, no Porto, o início dos COLÓQUIOS ANUAIS da LUSOFONIA - sob a égide do então nosso patrono Embaixador Professor Doutor José Augusto Seabra - queríamos patentear que era possível ser-se INDEPENDENTE, descentralizar a realização destes eventos e levá-los a cabo sem sermos subsídio-dependentes. Nos Açores, os Encontros tiveram início em 2006 trazendo, académicos, estudiosos, escritores e outras pessoas para debater a identidade açoriana, a sua escrita, as suas lendas e tradições. Deste intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos aqueles que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou qualquer outro ramo de conhecimento científico, *podemos aspirar a tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana.*

Os Colóquios inovaram logo no seu primeiro encontro em 2002 e introduziram o hábito de entregarem um CD das Atas/Anais no início das sessões.

Em 2003 visitou-se a Língua Mirandesa

Em 2004, os Colóquios fizeram a campanha que salvou o Ciberdúvidas;

Em 2005 presidiram ao lançamento do Observatório da Língua Portuguesa, depois integrado na CPLP e fomos os únicos, até hoje, a debater a introdução da Língua Portuguesa em Timor-Leste.;

Em 2006 lançámos a primeira pedra para a criação da Academia Galega da Língua Portuguesa e debatemos a biunivocidade dos Crioulos na Língua Portuguesa

Em 2007 atribuímos o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debatemos (pela primeira vez em Portugal) o Acordo Ortográfico ora em vigor.

Em 2008 assistimos à abertura da Academia Galega da Língua Portuguesa nascida no seio dos colóquios. Esse ano marca o início de parcerias com Universidades e Politécnicos quando o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa (Professor Adriano Moreira) se deslocou a Bragança para dar **“o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia”**. Na sequência desta vinda acabaria por doar o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal Adriano Moreira.

De 2007 a 2012, incansáveis prosseguimos a campanha para a execução do novo Acordo Ortográfico, com o laborioso apoio dos seus proponentes: Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara, [Carlos Reis] e Ângelo Cristóvão que nos têm assistido a lutar pela língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais.

Em Portugal não há uma política de língua. Enquanto as Letras se mantiverem subalternas como mera Secção da Academia das Ciências é imperioso que esta seja mais atuante na defesa da língua e das suas variantes face aos desafios que os políticos não conseguem afrontar. A vetusta Academia tem de ser pró-ativa em vez de reativa mas não parece ter vitalidade para tanto. O futuro e a preservação da língua não se compadecem com esperas nem vivem de glórias passadas. Portugal está irremediavelmente atrasado. Não pode esperar mais. Por isso sonhámos ainda hoje com a criação de uma Academia das Letras, uma Academia da Língua, independente, sem sujeições a projetos estatais ou outros.

Em 2008 e 2009 os colóquios foram a Santiago de Compostela para o 1º Seminário de Lexicologia da AGLP para provar que ela conta com o apoio das outras Academias e dos Colóquios da Lusofonia que a ajudaram a nascer numa época conturbada relativamente à situação da língua portuguesa na Galiza.

Em 2009 definimos o projeto do MUSEU DA LUSOFONIA e decidimos levar os colóquios a Santa Catarina, Brasil, e tivemos como convidado o escritor Cristóvão de Aguiar na

Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía, entre outros, Carolina Michaëllis, Leite De Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosalía De Castro. Nesse ano foi firmado um protocolo com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos.

Em janeiro de 2010 foram lançados os Cadernos de Estudos Açorianos em pdf na nossa página www.lusofonias.net., estando já disponíveis 16 cadernos, vários suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem não apenas de iniciação para aqueles que querem ler autores açorianos mas também de suporte aos futuros cursos de AÇORIANIDADES E INSULARIDADES.

Em 2010 mantivemos a homenagem contra o Esquecimento que incluiu os nomes de Vasco Pereira da Costa, Cristóvão de Aguiar, Dias de Melo e Daniel de Sá. Na Sessão de Poesia declamaram-se poemas de Vasco Pereira da Costa incluindo o poema “Ode ao Boeing 747”, em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

Malaca Casteleiro sugerira no XIII Colóquio no Brasil em abril de 2010 que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas/Anais, fazendo-se um Anuário, que foi disponibilizado “online” em 2011, ano em que fomos até Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico de Macau.

Em 2011 seguiu-se a primeira ida à ilha de Santa Maria, onde se lançou *A antologia (bilingue) de autores açorianos contemporâneos* enquanto a AGLP disponibilizava os seus meios técnicos para a página oficial da AICL, numa nova plataforma. Nesse 16º colóquio em Vila do Porto, aprovou-se uma declaração de repúdio pela atitude de PORTUGAL olvidando séculos de história comum da língua, ao excluir a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades de fala lusófona. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo acordo ortográfico e o seu léxico foi integrado em dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão à última hora do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

A AICL entende que não se pode deixar de fora a região onde nasceu a língua portuguesa há mais de dez séculos. É um crime de lesa língua de todos nós. A Língua que se fala na Galiza, em Portugal, Brasil, Angola, Moçambique e tantos outros países e regiões é a mesma, com a peculiaridade de ter sido o berço da mesma língua comum. Trata-se de uma medida obviamente ditada por preconceitos políticos e contra a qual a AICL se manifesta

veementemente encorajando todos os seus associados e participantes nas suas iniciativas a protestarem publicamente contra esta injustiça feita à língua portuguesa e à AGLP.

Em 2012, na Lagoa, na Homenagem contra o Esquecimento 2012 celebraram-se nove autores, tantos quantas as ilhas e num mestrado do curso de tradução da Universidade do Minho, verteram-se para francês, excertos de obras de autores açorianos. Ali se lançou o MANIFESTO AICL 2012, A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO que aqui divulgaremos, esperando que este evento possa servir de ponte entre duas culturas unidas na sua insularidade entre os elementos que as rodeiam na Galiza e nos Açores.

Hoje, aqui, estão alguns desses autores a partilharem convosco o que há de comum entre a Galiza e os Açores: duas insularidades culturais no seio da Europa. Os nossos projetos de divulgação de autores açorianos, sua tradução em várias línguas, a divulgação do cancionero açoriano, as antologias, os livros que temos editado, os artistas que temos promovido, entre tantos outros projetos que enunciamos na sessão de abertura deste 18º colóquio permitiram já levar os Açores a locais desconhecidos, e sentimo-nos todos embaixadores dessa açorianidade quando os nossos oradores estudam autores açorianos. Com esta vinda à Galiza acreditamos que podemos criar novas pontes culturais entre duas regiões autónomas cercadas por culturas dominantes e que têm um número incalculável de autores que merecem ser estudados, traduzidos e divulgados em todo o mundo lusófono. Queremos criar intercâmbios entre os Açores e a Galiza para juntos, e com o apoio do Governo Regional dos Açores possamos incrementar as relações comerciais e culturais entre as regiões, porque afinal falamos todos a mesma língua.

A todos os que aqui estão presentes o nosso obrigado e até sempre que nos queiram receber.

Discurso de empossamento como académico AGLP

Prezados académicos, excelências

Em 30 de agosto de 2002 Timor-Leste tornava-se independente e em 18 de outubro conheci Ângelo Cristóvão que ficou boquiaberto quando lhe disse que “Este 1º Colóquio da

Lusofonia deveria chamar-se o ***Genocídio da Língua (Portuguesa) na Galiza*** mas a entidade patrocinadora não deixou.” Deve ter imaginado que ou era louco ou um agente provocador do reino de Espanha.

Uns anos mais tarde (2007) seria aquele o título de novo colóquio no qual seria proposta oficialmente a criação da AGLP, a que todos assistimos em 2008.

Tive a oportunidade de lhe dizer naquela ocasião e, posteriormente, o que pensava do problema da língua na Galiza, salientando que, por ter porfiado 24 anos pela independência de Timor, poderia tentar transpor para a Galiza alguma da minha experiência e aplicá-la no campo da língua.

Com a enorme capacidade que só os visionários têm, um grupo restrito de galegos e galegas atravessaram o rio Minho em busca do sonho de recuperar a língua de seus antepassados e parte integrante da sua História, tal como fizera a antiga Irmandade das Falas, entre 1916 e 1936, depois renascida na década de 1980 como Irmandade das Falas da Galiza e Portugal.

Aos poucos, começou a falar-se do problema que, infelizmente, continua ignorado pela vasta maioria dos portugueses, mas aquele pequeno grupo, como cavalo de Troia que era, soube conquistar algumas personalidades importantes para a sua luta e desde a sua criação, que a AGLP, a sua Fundação e a Associação Pró-AGLP, não têm parado de aumentar os seus convénios e protocolos com entidades de todo o mundo lusófono.

Falta ser feita justiça no seio da CPLP para que lhe seja reconhecido o direito ao estatuto de Observador, desígnio que tomámos como nosso no 13º Colóquio da Lusofonia em março de 2010, em Santa Catarina no Brasil, e, posteriormente, reiterámos no 14º colóquio em Bragança em outubro de 2010 em Macau e Santa Maria em 2011. Foi por isso com espanto que assistimos dia 22 de julho 2011 ao anúncio pela CPLP da admissão da AGLP sob proposta do país anfitrião (Angola). A mesma admissão surpreendentemente foi retirada da página oficial da CPLP umas horas depois sem qualquer explicação, pelo que as celebrações de júbilo na Galiza e no resto do mundo duraram apenas oito horas.

Veio, posteriormente a saber-se que fora Portugal - que sempre apoiara esta proposta da AGLP integrar a CPLP com o estatuto de observador - quem a vetara no último momento. A AICL em concertação com o MIL - Movimento Internacional Lusófono - de que faz parte, tomou algumas medidas sendo a mais visível a da Petição ao Ministro dos Estrangeiros de Portugal, Dr Paulo Portas, além de entrevistas e publicação que fizemos de um Manifesto de

Repúdio da AICL. Como sempre estamos crentes de que o tempo reporá a justiça da admissão da AGLP na CPLP:

Ao tomar conhecimento oficioso de que o meu nome iria constar desta cerimónia, entendi que os Colóquios da Lusofonia mereceriam mais essa honra do que eu, a nível pessoal, dado não ser mais do que um mero facilitador de vontades entre todos os associados da AICL e os projetos e sonhos que temos vindo a construir.

Recordo a propósito que quando em 1962 escrevi um discurso familiar mencionando as auréolas miríficas alguém me incentivou a continuar a escrever. Posteriormente aos 22 anos, em 1972, lancei o meu primeiro livro de poesia, a que outros de crónicas e de ensaio político se seguiram. Fui sempre jornalista e tradutor e só nestas últimas décadas pude escrever o que queria e sentia. Faço agora 40 anos de vida literária e mais de 47 de jornalismo sem jamais ter acalentado grandes ilusões ou sonhos quanto ao valor dos meus escritos. Ainda considero ter sido uma honra maior do que eu merecia ter tido a oportunidade de ser convidado a proferir uma palestra dia 29 de março de 2010 na Academia Brasileira de Letras.

Hoje, segue-se a segunda maior honra da minha vida, estar aqui a ler estas palavras evitando os meus improvisos emocionais para vos confessar que a AGLP pode continuar a contar com o meu total e dedicado apoio, nesta luta para a reposição da língua galega, aliás língua portuguesa da Galiza, em todas as esferas da vida do povo galego e nos fóruns internacionais. Espero nunca vos desiludir. Citando o embaixador José Augusto Seabra, primeiro patrono dos Colóquios:

... A disseminação de uma língua que, a partir da sua matriz galaico-portuguesa, se tornou primeiro uma língua nacional e depois uma língua de contacto entre civilizações, cumpriu-se de facto, a partir da grande empresa marítima das Descobertas...o nosso idioma apresenta todas as características da universalidade: disperso por todos os continentes, ele não é restrito a um grupo étnico, a uma comunidade religiosa, a um tipo de sociedade ou a um regime político, sendo uma língua de mestiçagem cultural, de contacto e de diálogo entre vários povos. Se a comunicação e o cordão umbilical entre os dialetos galego e português perdurou até hoje, a diversificação tornou-se mais nítida nas rotas do Atlântico, do Índico e do Pacífico, do Norte ao Sul e do Ocidente ao Oriente. Pode dizer-se, em suma, que a diversidade se tornou uma condição da unidade, mas não da unicidade, da língua portuguesa.”

Nesta época de desassossego global, em que o retorno dos fanatismos, dos fundamentalismos e dos terrorismos de toda a ordem impende sobre a nossa condição planetária, saibamos ser de novo, através da nossa “portuguesa língua”, interlocutores de um polígono de civilizações, culturas e religiões. Símbolo de uma língua que se tornou uma pátria de tantas pátrias quantas são as nossas, de tal modo que poderíamos dizer, parafraseando uma vez mais Pessoa “Nossa Pátria é a língua portuguesa”. Mas foi como língua de civilização e cultura que o Português se impôs historicamente, na sua irradiação pelo mundo, como profetizou o poeta-humanista António Ferreira:

“Floresça, fale, cante, ouça-se e viva

A portuguesa língua e lá onde for

Senhora vá de si, soberba e altiva...”

(fim de citação)

Termino dizendo que falta apenas concluir a unificação ortográfica desta língua de todos nós, elevando-a a uma maior dimensão. Nisso quer a AICL quer a AGLP estão unidas, pois podemos preservar todas as nossas inúmeras diferenças mas mantendo unificada a escrita da língua. Respeitando a diversidade do Português, que é aliás a sua grande riqueza, impõe-se fazer um esforço no sentido de uma aproximação das suas formas, sim, mas em domínios ligados ao seu uso contemporâneo, como é o caso da terminologia científica e técnica e dos neologismos decorrentes de novos modos de vida e de convivência internacional, sem prejuízo da salvaguarda das especificidades de cada variante, enquanto manifestações que são de identidades e alteridades culturais irreduzíveis.

Obrigado uma vez mais por aceitarem este mero aprendiz de feiticeiro da escrita no vosso seio de académicos bem mais distintos e qualificados do que eu.

Cito Jack Kérouac

“Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os criadores de casos. Os pinos redondos em buracos quadrados. Os que fogem ao padrão. Aqueles que veem as coisas de um modo diferente. Não se adaptam às regras, nem respeitam o status quo. Pode citá-los, discordar, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que não pode fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Empurram a raça humana para a frente. E enquanto alguns os veem como loucos, nós vemos-os como geniais. Porque as pessoas suficientemente loucas para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam.

Como simples artesão da palavra, poeta e sonhador de utopias mantereí a minha saudável loucura ao serviço da língua portuguesa, nem que seja em pequenos poemas como este:

Galiza como Hiroshima mon amour

acordaste e ouviste o teu hino
bandeira desfraldada ao vento
 ao intrépido som
 das armas de breogán
amor da terra verde,
da rubra terra nossa,
 à nobre lusitânia
os braços estendes amigos

desperta do teu sono
pega nos irmãos e irmãs
caminha pelas estradas
ergue bem alto a tua voz
diz a quem te ouvir quem és
orgulhosa, vetusta e altiva
indomada criatura
nenhum poder te subjugará
nenhum exército te conquistará
nenhuma lei te aniquilará

és a Galiza mon amour



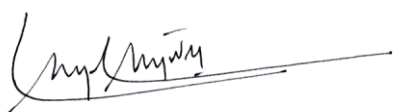
Na minha modesta opinião a AICL deve aproveitar esta honrosa presença para lhe agradecer, salientar e enaltecer a colaboração iniciada em 2007 com o Governo Regional dos Açores. Igualmente merecem uma nota pública de agradecimento os apoios recebidos até hoje da CM Lagoa entre 2008 e 2012, da CM Bragança de 2002 a 2010, CM de Vila do Porto 2011, CM Ribeira Grande 2006 e 2007, Estado Federal de Santa Catarina 2010, Instituto Politécnico de Macau 2011, Academia Galega, sua Fundação e Associação Pró-AGLP 2012, Academia Brasileira desde 2007 e à Direção Regional da Cultura / Direção Regional das Comunidades / Direção Regional da Ciência e Tecnologia, em particular, por nos terem permitido fazer a diferença ao trazer autores expatriados que só vieram enriquecer os nossos colóquios, havendo ainda a realçar a Direção Regional de Turismo que há 4 anos nos vem ajudando a dar ofertas representativas dos Açores aos nossos convidados.

Faltarão decerto outras entidades que nos ajudaram ao longo de mais de dez anos e 18 colóquios mas seria injusto não salientar aqui as individualidades que têm sido timoneiras desta nau da Lusofonia, esses dois grandes mestres Bechara e Malaca Casteleiro sem os quais os colóquios não seriam o farol que a todos alumia nesta defesa intransigente da nossa língua e para eles peço um aplauso sentido. A estes juntaria ainda os nomes dos incansáveis Ângelo Cristóvão e Concha Rousia, que têm com enorme sacrifício subido o Gólgota deste nosso sonho comum.

Como tenho vindo a alertar e ainda mais no atual contexto as n/ relações com as entidades públicas e ou associativas são fundamentais e sem o apoio destas entidades os colóquios não teriam atingido a projeção internacional de que hoje dispõem. Interessa agora nesta época de convulsão orçamental continuar a demonstrar porque merecemos ser apoiados, pois nós marcamos a diferença para todas as outras realizações do mesmo género. Peço desculpa pela ousadia mas não poderia deixar de dizer isto.

Os nossos projetos de divulgação de autores açorianos, sua tradução em várias línguas, a divulgação do cancionero açoriano, as antologias, os livros que temos editado, os artistas que temos promovido, entre tantos outros projetos que enunciamos na sessão de abertura deste 18º colóquio permitiram já levar os Açores a locais desconhecidos, e sentimo-nos todos embaixadores dessa açorianidade quando os nossos oradores estudam autores açorianos. Com esta vinda à Galiza acreditamos que podemos criar novas pontes culturais entre duas regiões autónomas cercadas por culturas dominantes e que têm um número incalculável de autores que merecem ser estudados, traduzidos e divulgados em todo o mundo lusófono. Queremos criar intercâmbios entre os Açores e a Galiza para juntos, e com o apoio do Governo Regional dos Açores possamos incrementar as relações comerciais e culturais entre as regiões, porque afinal falamos todos a mesma língua.

A todos os que aqui estão presentes o nosso obrigado e até sempre que nos queiram receber.



27-10-2019

J. CHRYS CHRYSTELLO,

